



**IV CINTEDI**

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

## EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: NECESSIDADES DE INCLUSÃO

Damião Cavalcante do Nascimento<sup>1</sup>  
Luandson Luis da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

A educação na atualidade vem se transformando constantemente, por isso repensar as práticas escolares faz todo sentido, principalmente neste período de pandemia. Este trabalho se justifica na necessidade de perceber como a educação em um período tão difícil como o que vivenciamos atualmente se articula acerca do funcionamento prático da escola incidindo diretamente na prática pedagógica do professor e o que tem sido feito para com a educação inclusiva. Por isso, as possibilidades e desafios são inúmeros, as práticas construídas e vivenciadas cotidianamente nas escolas também, percebendo a construção de ações educacionais condizentes com a realidade e o que tem sido feito para melhorar a qualidade do trabalho docente nas escolas visando uma sociedade mais justa e igualitária, incluindo os sujeitos. O nosso objetivo é perceber as possibilidades e desafios perante a educação inclusiva na atualidade na transmissão do conhecimento através das mudanças ocorridas na educação afetadas pelo covid-19. Para isso recorreremos a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfica, por isso as informações presentes neste trabalho foram obtidas através de leitura de artigos referente ao tema abordado. Com isso, dialogamos com alguns pesquisadores como Arroyo (2011); Bittar e Bittar (2012); Bourdieu (2007); Lima (2006); Gatti (2012); Malheiros (2011); Gil (2002); Pimenta (1999); Saviani (2011); Beyer (2012); Souza (2020), entre outros. Dessa forma, constatou-se que é preciso muito para termos uma educação de qualidade e que venha a atender toda a população brasileira sem distinções.

**Palavras-chave:** Educação, Pandemia, Desigualdades, inclusão, exclusão.

### INTRODUÇÃO

A educação na atualidade vem se transformando constantemente, por isso repensar as práticas escolares faz todo sentido, principalmente neste período de pandemia. Este trabalho se justifica na necessidade de perceber como a educação em um período tão difícil como o que vivenciamos atualmente se articula acerca do funcionamento prático da escola incidindo diretamente na prática pedagógica do professor e o que tem sido feito para com a educação e a inclusão dos alunos.

---

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - PB, [damião.cavalcante@gmail.com](mailto:damião.cavalcante@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutorando do Curso de Doctorado en Ciencias de la Educación da Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), [professorluandsonluis@gmail.com](mailto:professorluandsonluis@gmail.com).



A pandemia causada pelo novo coronavírus tem provocado um panorama incomum, como o isolamento social, sendo assim foi preciso mudar com o sistema educacional que tínhamos e inserir nesse momento o ensino remoto, incluindo os discentes nesse processo.

Os impactos começaram a ser demonstrados, pois além de estudantes, os educadores estão se adequando, nesse sentido percebe-se que o sistema educacional é muito frágil uma vez que a enorme desigualdade educacional em todo o país passou a ser repensada, visto que muitos desafios são evidenciados no que se refere ao papel da escola e os meios de aprendizagem de qualidade, no entanto segundo Souza (2020), “O período da pandemia escancarou as grandes desigualdades existentes no Brasil” (SOUZA, 2020, p. 116).

Assegurados pela Constituição Federal Brasileira de 1988 no (Art. 205), que aponta a educação como “direito de todos”, fazemos as seguintes perguntas: Como está funcionando a estrutura remota nas escolas? Nesta perspectiva, será que os alunos permanecem sendo incluídos e estão tendo acesso às atividades em tempos de pandemia desde o ano 2020?

Entende-se que em uma sociedade dita democrática precisa dar meios de acesso a uma educação de qualidade, por isso, as ações se manifestaram acerca da instituição escolar pública junto às famílias no intuito de garantir os direitos dos (as) estudantes no acesso à educação de qualidade através do ensino remoto intercalado com aulas semipresenciais para a inclusão de todos.

Como metodologia utilizou-se a pesquisa bibliográfica, por isso as informações presentes neste trabalho foram obtidas através de leitura de artigos referente ao tema abordado. Dessa forma, fizemos uma breve pesquisa no intuito de compreendermos como a educação vem caminhando em nosso país a partir da pandemia do Covid- 19. Com isso, dialogamos com alguns pesquisadores como Arroyo (2011); Bittar e Bittar (2012); Bourdieu (2007); Gatti (2012); Malheiros (2011); Gil, (2002); Pimenta (1999); Saviani, (2011), Souza (2020), entre outros.

Nesse sentido, a situação que vivemos atualmente tem evidenciado problemas antigos que não foram sanados em nossa educação brasileira como a inclusão, aumentando ainda mais o abismo socioeducacional, com isso, os impactos referentes à educação podem ser grandes, uma vez que a partir desse momento o ensino remoto passou a ser viável no contexto educacional.

Por fim, o presente artigo está estruturado da seguinte forma: a princípio trazemos o resumo, na primeira parte esta elencado os conceitos introdutórios, em seguida partimos para metodologia, logo após o referencial teórico, seguido da discussão e por fim traremos as considerações finais como fechamento que é seguida das referências.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi qualitativa de cunho bibliográfica acerca da educação no Brasil e o que tem sido feito para dar condições aos estudantes acessarem o ensino formal de qualidade, nos munimos de pesquisas no google acadêmico, SciELO, em periódicos, artigos, monografias, dissertações e teses.

A pesquisa é de caráter bibliográfico, em uma abordagem qualitativa, nos possibilita percebermos as nuances que vem ocorrendo no cenário educacional. De acordo com Gil (2002), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

Para Gatti (2012), a pesquisa se tornou ampla no dia a dia, sendo assim, buscamos informações constantemente através de referenciais específicos que nos permite compreender o objeto de estudo (a escola) mais profundamente tornando-se ponto inicial para compreendermos os contextos educacionais vigentes na atualidade, para isso, os métodos de investigação são viáveis.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Na sociedade atual, o que se coloca sobre o papel da escola é a sua definição e função social. Nesse contexto, percebe-se que a escola deve assumir a tarefa da inclusão e do ensino reflexivo, democrático, onde o currículo escolar envolva toda a comunidade de forma consciente da necessidade e da importância de um ensino de qualidade para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, para isso é preciso incluir os sujeitos.

Nesse ínterim, a construção da autonomia e da qualidade do ensino para a construção e formação do cidadão participativo, crítico, criativo, responsável, sujeito atuante é o que a sociedade atual necessita, pois a cada dia as tecnologias estão tomando espaço e a escola tem por objetivo alcançar essa evolução da sociedade atual, mesmo assim percebe-se que a exclusão educacional ainda está presente.

Uma sociedade consciente de seu caminhar pode possibilitar o aproveitamento de suas potencialidades, identificando as dificuldades existentes e propondo mudanças para a realidade. Por isso, deve-se pensar em processos de ensino e aprendizagens com melhor finalidade e condizente a uma sociedade que está sempre em constante mudança, assim a escola precisa buscar entre outras formas, condições para acompanhar e se necessário interferir nas mudanças sociais de modo a beneficiar os cidadãos incluindo-os nesse processo.



Nesta perspectiva, a escola é relevante em todo o contexto, não apenas considerando os aspectos teóricos e metodológicos ali empregados, mas também na conscientização e reflexão de nossas ações e na contribuição para a melhoria de nossa sociedade, para isso, é necessário que a escola seja democrática, pública, de qualidade e gratuita.

De acordo com Lima (2006), é preciso percorrermos um longo caminho para que a educação e as práticas inclusivas sejam estabelecidas plenamente em nosso país. É preciso muitos investimentos para as escolas, preparando a sociedade para a inclusão. Segundo esta pesquisadora, “A proposta de inclusão erou polêmicas no Brasil, logo após a promulgação da LDBEN, alguns educadores questionavam se ela não seria uma utopia” (LIMA, 2006, p. 31). Uma sociedade diversificada constrói processos de inclusão, porém em muitas escolas ainda não proporciona garantias plenas e integral para os discentes, como afirma:

O processo de inclusão traz muitas implicações e, por isso, ele é desafiador e pleno de possibilidades para os educadores e os educandos. [...] Entendemos que a sociedade está construindo um processo inclusivo, mas ainda produz exclusão. Há um movimento para incluir e obstáculos à inclusão. Essa situação pode ser alterada com o avanço do humanismo, do conhecimento da diversidade e das possibilidades humanas. (LIMA, 2006, p. 34).

Para enfrentar os desafios atuais e buscar a qualidade do ensino como fundamento nesse processo inclusivo a escola precisa se diversificar cada vez mais, pois os desafios têm sido consideráveis, e os processos inclusivos precisam ser contemplados com bons olhos.

Haja vista Saviani (2011), apresenta a realidade educacional que temos atualmente e como a formação de professores pode servir para alcançar muitos objetivos educacionais. Aponta, que a quantidade de alunos aumentou, mas que ainda temos uma qualidade do ensino aquém do esperado. No Brasil o atendimento educacional passou de pequeno para larga escala devido ao aumento populacional e o processo de industrialização, esse aumento quantitativo não significa dizer que a qualidade do ensino e a inclusão dos diversos sujeitos também tenha aumentado. Muitos problemas referentes à qualidade do desempenho dos alunos se tornaram aparente, assim como as dificuldades de incluir, manter e concluir o ensino para muitos jovens, também é questão a ser pensada.

Frente aos desafios, muito há para se fazer no que diz respeito aos avanços, com relação à educação inclusiva, principalmente no momento que estamos que é de pandemia. Entretanto, nota-se que a evolução da educação tem sido pequena para enfrentar tantos desafios escolares.

Neste aspecto, Saviani (2011), considera os dilemas na formação docente na atualidade e coloca a existência de grandes desafios que precisamos enfrentar e buscar novas perspectivas.



Além disso, trazer para nosso meio uma educação prioritária inclusiva como projeto para o desenvolvimento nacional e, em decorrência disso, investir o máximo de recursos disponíveis deixando a carreira docente atrativa é essencial.

Para Saviani (2011),

[...] o problema da qualidade do ensino, a formação de professores se converteu, atualmente, numa das questões mais controvertidas e de maior visibilidade, uma vez que os professores e as instituições formadoras tendem a ser apontados como vilões pelas autoridades educacionais assim como por diversas modalidades de intelectuais influentes na mídia. [...] Contudo, ainda que no Brasil essa questão se revista de particular gravidade, trata-se de um problema de caráter geral que afeta, atualmente, a todos os países em maior ou menor grau. (SAVIANI, 2011, p. 8).

Nesse contexto, no mundo atual novos espaços foram garantidos, outros ainda estão em processo como é o caso da inclusão educacional, social. a sociedade está em constante expansão, os movimentos reivindicatórios na busca pela igualdade e promoção da cultura vem surgindo e a luta pelo reconhecimento das minorias étnicas e de gênero além da distribuição são o ponto chave. Entretanto percebe-se que a educação nesse período de pandemia causado pelo Covid-19 tem excluído muitas pessoas no processo educacional.

O reconhecimento da educação inclusiva é um fator essencial para uma sociedade crescer no que diz respeito a mais justiça social e direitos, pois as desigualdades são constantes, dessa forma, buscar por mudanças culturais, sociais, econômicas, educacionais, políticas, entre outras é fundamental.

Primeiro temos que perceber as injustiças socioeconômicas, políticas, e de classe, segundo temos ainda as injustiças culturais, bastante comuns, por isso é preciso uma transformação no sistema, mudar com os modelos exploratórios de modo que estes não sejam tão injustos e excludentes para e com a sociedade é basilar.

Nessa exposição recorreremos a Bittar e Bittar (2012), abordam a educação no Brasil da década de 1930 até a Constituição Cidadã de 1988, afirmam que muitas disputas ideológicas ocorreram para a expansão da escola pública e na educação também. Desse modo, durante muito tempo em que ocorreram as reformas educacionais no Brasil não se preocuparam em resolver a questão do analfabetismo como política educacional de prioridade. Dessa feita, constata-se as desigualdades com relação ao acesso e permanência dos alunos nas escolas, além da exclusão de uma maioria esmagadora de jovens no acesso ao ensino público e de qualidade, principalmente para os negros e indígenas.

A educação tem por necessidade incluir, reforçando o ideal de uma sociedade mais justa e igualitária, contrárias ao preconceito e a discriminação. No entanto, percebe-se que nossa sociedade é desigual e seus processos históricos nos mostram isso, uma vez que



o conservadorismo tem vigorado desde então na política. Observamos em nossa história que aconteceram algumas rupturas, mas há ainda muitos retrocessos contribuindo para exclusões sociais.

Nesse contexto, corroboramos com o que Bourdieu (2007), apontou sobre os processos educativos, este pesquisador se debruçou sobre a reprodução dos processos de desigualdades sociais e como essas desigualdades persistem no acesso e permanência de muitos estudantes em relação a educação e a inclusão destes sujeitos. Assim, ao analisar os processos de aculturação existentes como forma de exclusão social, trouxe para o campo do debate a necessidade de olharmos para os excluídos.

Nesse percurso, percebemos como se dá a entrada e a permanência dos alunos das escolas. O que se presencia são as desigualdades constantes a partir das classes sociais, por isso é preciso mais justiça social, desse modo, muitas famílias são reflexos de um cenário existentes na sociedade, por isso a escola tende a homogeneizar, as desigualdades ocorrem e aos alunos devido a posição social que tem, terá menos chances.

Desta feita, Bourdieu (2007), nos ajuda a compreender a escola e o próprio destino do aluno a partir das transformações sociais que ocorrem nela, pois a sociedade é estratificada e os indivíduos são vistos como diferentes, tudo isso foi criado ao longo do tempo, onde os ricos são “valorizados” e os pobres passam por extremas dificuldades.

Nesse contexto, para entendermos esses processos desiguais basta olharmos para a educação, logo eles (os ricos) não querem que tenhamos acesso sem que seja por seus vieses. Haja vista, uma sociedade pensante, uma sociedade intelectual saberá recorrer e buscar seus direitos do Estado, o que não acontece atualmente. O Estado deveria proporcionar a inclusão ao trabalho, educação, moradia, alimentação, segurança, políticas públicas, entre outros, tão importantes para uma sociedade justa e igualitária.

De acordo com Beserra (2021), a educação brasileira tem muito que caminhar como afirma:

O modelo educacional brasileiro não evoluiu, ainda utilizam ferramentas arcaicas. Além de todas essas políticas, é preciso implementar um novo modelo de ensino, onde o aluno seja o protagonista e não um mero espectador na sala de aula, como ocorre hoje em dia. O professor fica na frente de seus alunos falando por horas e horas, sem que esse conteúdo de fato seja inserido no contexto cotidiano deles. Esse é um dos pontos onde são necessárias mudanças. (BESERRA, 2021, p. 15).

É preciso mais investimento com relação à educação ampliando seus recursos visando atingir metas, isso coincide em dar meios e acessos em todos os campos, pois a reversão de um cenário como este não nos coloca grandes desafios, assim sendo a desigualdade não é de hoje.

Entretanto, é preciso construir saberes pedagógicos a partir da realidade vivenciada educacional usando os conhecimentos necessários e procedimentos metodológicos no uso das transformações cotidianas a fim de emancipar os sujeitos. Os saberes pedagógicos são importantes para o aprimoramento educacional brasileiro dando direitos, condições, acesso e oportunidades a todos (as), porém isso nem sempre acontece.

Priscila Verdum (2013), aborda as concepções do fazer pedagógico e coloca que nossa trajetória profissional está ligada a certos vetores, e é isso que representa o nosso modo de atuação tanto pessoal quanto profissional. Ao tratar da educação atual e das novas tecnologias e o papel da educação e inclusão, coloca a importância de saber lidar com as diversas informações e o que fazer com ela de forma democrática. Desta feita, a escola tem papel social e humano para com os diferentes sujeitos, no que diz respeito a convivência e tolerância, formando indivíduos participativos, construtivos, questionadores e perceber o ser humano em suas diversas facetas de mundo e vivência é importante.

Em seu trabalho traz a concepção de prática pedagógica a partir de outros olhares e reflete que esta é vivenciada, conhecida e não definida como afirma “consiste em algo que não pode ser definido, apenas conhecido” (VERDUM, 2013, p. 94), ou seja, todos os atores sociais realizam ao fazer leitura crítica da realidade e o professor aprende com o aluno, pois ele não é dono do conhecimento ele constrói o conhecimento com os alunos.

A essas e outras questões Pedrosa (2017), aborda a relação do professor entre a teoria e a prática com a realidade do dia a dia, por isso se faz necessário a qualificação e domínio de saberes em uma sociedade cada vez mais cheia de seres sociais que precisam assumir seu papel como agentes transformadores.

Desta feita, carecemos nos adaptar aos diferentes meios e novos conhecimentos. Temos sempre inseguranças, medos, fragilidades, mas é um caminho a ser seguido, para atingir os objetivos através da socialização, dos métodos, conhecimentos e saberes, para isso é preciso se aprimorar na sala de aula junto com os alunos a capacidade de refletir, elaborar ações pedagógicas inclusivas, partilhar experiências, conhecimentos na prática para um melhor ensino aprendizagem dos alunos e do próprio professor. “É na interação com o outro, na troca de conhecimentos com o par mais experiente que a identidade do docente vai se formando” (PEDROSA, 2017, p. 81). Mesmo assim ainda há carência de uma educação que olhe todos os sujeitos, principalmente neste momento tão atípico.



O aprendizado se dá no dia a dia entre professores e alunos em sala de aula, por isso o professor deve perceber as capacidades, anseios, dificuldades, diferenças de conhecimentos dos alunos com relação à aprendizagem, é necessário estar sempre atento, buscando se atualizar, se informatizar para sanar as necessidades dos alunos incluindo-os da melhor forma.

Pimenta (1999), apresenta análise das práticas docentes como meio para repensar a formação inicial e contínua de professores. Desta feita, discute sobre a identidade construída pelo professor, e seus saberes docentes e o desenvolvimento dos processos de reflexão sobre a prática escolar do dia a dia, processos de inclusão e exclusão. Então ressignificar os processos formativos a partir da reconsideração dos saberes necessários à docência está na ordem do dia.

Para Pimenta (1999), “a educação é um processo de humanização; que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante”. (PIMENTA, 1999, p. 23), percebe-se de forma intencional, a educação em certos espaços como na escola e os professores contribuem para a construção crítica e transformadora, visto que temos uma sociedade desigual, que muitas das vezes estamos reféns e à margem dela.

A educação se torna prática social na construção de saberes pedagógicos, para isso a teoria e a prática devem caminhar juntas através de pesquisas no campo docente, pois o professor é um “intelectual em processo contínuo de formação. Enquanto tal, pensar sua formação significa pensá-la como um *continuum* de formação inicial e contínua.” (PIMENTA, 1999, p. 29). As experiências ocorrem no campo de trabalho, na lida do dia a dia e na resolução dos problemas a partir de decisões e com isso a troca de experiências se torna válida. Mesmo assim se adaptar ao novo cenário tem sido difícil para muitos professores.

De acordo com Arroyo (2011), às políticas educacionais são importantes para a superação das desigualdades e exclusão social/educacional, por isso se faz necessário pensar a relação do Estado com políticas existentes, as lutas por justiça, igualdade social e como tudo isso é colocado em nossa realidade. Ao repensar sobre a gestão das políticas educacionais, aponta que é preciso olhar para o todo “o coletivo” e não mais apenas para uma única parte como tem sido feito.

As desigualdades estão presentes em todos os cenários, desde a alfabetização, até na permanência do próprio aluno na escola, suas aprendizagens, a qualidade do ensino ofertado, na vida. Dessa forma, muitas vezes coloca-se a culpa nos alunos quando são reprovados, isso gera por sua vez tendências em classificá-los como não competentes o suficiente gerando exclusão social, educacional.



Mais recentemente as ênfases nas desigualdades escolares são postas nos padrões desiguais de qualidade das escolas, dos processos de ensino-aprendizagem, de gestão, de preparo e dedicação dos docentes, de recursos didáticos, materiais e financeiros. Mas deixando intocadas as estruturas e os ordenamentos que ainda não mereceram a centralidade que tem. O foco das análises sobre as desigualdades escolares não sai dos alunos que chegam já desiguais, mas se destacam as desigualdades de qualidade das escolas (ARROYO, 2011, p. 86).

Os que mais sofrem são as classes mais populares, por isso se faz importante a correção dessas desigualdades e a escola está no centro no que se refere a quebrar com os paradigmas existentes, valorizar os conhecimentos que são diversos e de cada um pensando nas desigualdades com a pretensão de corrigi-las, pois as avaliações são diversas, porém é crucial atentar para o interior das escolas e dos seus respectivos sistemas que muitas vezes também é reprodutor das desigualdades, logo o sistema não é inocente, o Estado e suas instituições estão atrelados a este sistema desigual, excludente.

Se olharmos no contexto escolar, sua qualidade, o ensino e a aprendizagem, professores, alunos, a estrutura e os recursos didáticos e financeiro, entende-se que é preciso mudanças desde o sistema educacional até a base escolar para com isso incluir os diversos sujeitos.

Muitos são responsabilizados por essas exclusões e desigualdades, desde as classes menos favorecidas até mesmo as escolas e os docentes muitas vezes sem qualificação, principalmente nos lugares mais afastados e periféricos da sociedade. Nesse contexto, os alunos que adentram às escolas públicas em sua maioria são os mais desiguais de todos, estes muitas vezes não têm acesso a tecnologias viáveis para se igualar com os demais, isso é preocupante.

Evidencia-se que na maioria das vezes não se tem atentado para as desigualdades existentes de forma “social, política, econômica e cultural” para com esses sujeitos e as políticas igualitárias não têm abarcado todo o contexto nacional, nossos povos nativos, descendentes de africanos que tanto fizeram e fazem por nossa sociedade, são deixados em segundo plano.

Não se trata apenas de incluir de forma aleatória, mas o importante é não se distanciar das políticas de igualdade. Nesse sentido, devemos pensar na constituição de nossa sociedade e como os “diferente” foram colocados, como inferiores e não poderiam ocupar espaços de poder, necessários para viver bem, assim no lugar de serem reconhecidos, foram tratados como diferentes e não reconhecidos como iguais.

Segundo Beyer (2012), a escola pode ser um ambiente inclusivo com perspectivas para as crianças, assim elas são tidas como agentes sociais importantes, sendo necessário incluí-las “A primeira condição para a educação inclusiva não custa dinheiro: ela exige uma nova forma de pensar. Precisamos entender que as crianças são diferentes entre si. Elas são únicas em sua forma de pensar e aprender”. (BEYER, 2012, p. 28).



Acerca dessas questões é necessário repensar as políticas públicas de reconhecimento que abrangem as escolas, para que haja transformação social, por isso o sistema escolar sendo bem direcionado poderá contribuir na produção de diferentes saberes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa na qual nos debruçamos é uma ponte para o conhecimento sobre a educação proporcionada na atualidade, as discussões são relevantes sobre as práticas construídas e vivenciadas nas escolas, para a construção da sua autonomia, assim contribuímos com a educação, por isso planejar ações condizentes com a realidade poderá trazer melhorias para a educação das crianças, jovens e adolescentes como também fornecer subsídios e melhorias no aperfeiçoamento da qualidade do trabalho docente.

Não basta apenas incluir, ascender ou compensar esses sujeitos, é preciso reconhecê-los, dando-lhes direitos até então negados o acesso à escola de qualidade e a permanência nela é outro caminho a ser seguido neste período de pandemia.

Os desafios vivenciados pelos professores e alunos da educação básica neste ano de 2021 são inúmeros, ainda mais em contexto de pandemia, pois muita coisa foi modificada e não foi diferente com a Educação, as aulas remotas foram implantadas nas escolas públicas, mesmo não sendo algo novo, entretanto, sabemos que o processo educativo, principalmente na Educação Básica Pública depende de muita coisa para se efetivar com sucesso, pois alguns entraves sempre são postos, aumentando ainda mais os desafios da docência. Entretanto, de acordo com (SOUZA, 2020, p. 117).

A emergência do coronavírus provocou várias mudanças nas nossas vidas e, em relação à educação, mostrou o que já estamos discutindo e estudando há muito tempo: a educação precisa se reinventar. O ensino conteudista, instrucionista não tem mais espaço na sociedade em que vivemos.

Nesse contexto, entender as necessidades dos alunos de aprender através da mediação dos professores é necessário, neste processo, a diversificação dos conhecimentos por parte dos alunos é inúmera, agora é preciso a educação formal chegar até eles, o que muitas vezes não acontece.

Esta pesquisa se torna relevante pelo fato de que é necessário repensar o ensino, principalmente no que se refere à educação e o que está sendo feito para se chegar até esse aluno



de forma que este tenha acesso à educação de qualidade, no atual cenário educacional, em um momento relevante para a nossa história.

Todavia, com o isolamento social muitos educadores, estudantes, e famílias, passaram a vivenciar aulas remotas impostas pelos sistemas educacionais, só que na maioria das vezes não se olhou para as situações e possibilidades de acesso e aprendizagem dos estudantes, além disso pensar nos processos nas etapas escolares é importante. Fica evidente a necessidade de buscar novos caminhos inclusivos para garantir que a aprendizagem aconteça nesse período de pandemia.

Dessa forma, percebemos que um importante caminho a se trilhar no papel da inclusão, uma vez que poderá se tornar instrumento de melhorias do trabalho educativo, com isso, é preciso construir meios e caminhos capazes de interferir qualitativamente na realidade educacional, buscando rebater a exclusão e as desigualdades sociais tão grandes em nosso cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a prática de caráter transformadora não é espontânea, se faz necessário ajuda, formação que valorize o saber profissional e pessoal, pois todos temos uma concepção em sala de aula, valores, necessidades, limitações e recursos de diferentes estruturas na formação de professores ativistas políticos e sujeitos que têm no contexto do cotidiano comportamentos diversos que possa aparecer na escola ainda que seja necessário resolvê-los.

Constatou-se que precisamos fazer reflexão da prática pedagógica e das necessidades de superar algumas atitudes bastante usadas nos processos de inclusão. Desse modo, é importante e construir caminhos com o outro também no enfrentamento da adversidade existente e exclusão nesse período que vivenciamos.

Por isso repensar ações inclusivas se faz necessário, tornando a escola mais dinâmica buscando alunos ativos de ações e interesses, pois professor/aluno são iguais como sujeitos atuantes, e precisam refletir para além da sala de aula, juntando à prática pedagógica, exigindo de todos o comprometimento com as “mudanças e transformações sociais”

Para que ocorra mudanças inclusivas, primeiramente temos que mudar com a visão distorcida que se faz do outro de que eles são desiguais, a superação poderá vir no reconhecimento da educação como fator de herança cultural abrangendo os direitos de todos os cidadãos e suas garantias de políticas eficientes desde as escolas até as universidades, não vista



e tidas como privilégios de alguns, mas direito de todos (as), para isso existe a necessidade de fomentar algo atrativo na escola para trazer os alunos de volta a ela.

É preciso repensar o Estado e sua atuação, principalmente no que diz respeito às suas instituições políticas e o que tem feito para que ocorra a inclusão, mudanças e permanências das desigualdades, controle da população, emancipação dos sujeitos políticos sempre presentes buscando por direitos e garantias, para isso é preciso que se tenha um olhar diferenciado e envolvente para a educação inclusiva nesse momento tão difícil de pandemia.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. Políticas educacionais, igualdade e diferenças. **RBPAE** – v.27, n.1, p. 83-94, jan./abr. 2011.
- BESERRA, Ana Carolina. **Qualidade na educação brasileira: um alvo a ser alcançado**. 2021. p. 9–18. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/4142>>. Acesso em: 13 de set. de 2021.
- BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Acta Scientiarum**. Education, vol. 34, núm. 2, julho-diciembre, 2012, p. 157-168.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente a escola e à cultura. **Escritos de educação**, Petrópolis; vozes, 2007, p. 41 - 64.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da Socialização juvenil. **Liderança Educacional e Gestão Escolar**. Educ. Soc. Campinas, vol. 28, n, 100 – Especial, p. 1105 – 1128, 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012, p. 9 – 45.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. 4 ed. Atlas, 2002.
- LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- PEDROSA, Francineide Batista de Sousa. **Vozes que ecoam das (in) certezas: o que dizem as professoras alfabetizadoras iniciantes sobre a leitura de literatura?**. 2017. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24264>>. Acesso em: 12 de set. de 2021.
- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora 1999. p. 15 – 34.
- SAVIANI, Dermeval. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: DILEMAS E PERSPECTIVAS. **Poiesis Pedagógica** -V.9, N.1 jan/jun.2011; p.07-19.
- SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 17, n. 30, p. 110 - 118, 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127>>. Acesso em: 10 set. 2021.
- VERDUM, Priscila. Prática Pedagógica: o que é? O que envolve? **Revista Educação por Escrito** – PUCRS, v.4, nº 1, jul. 2013.